

Crítica // Morra, amor ★★★

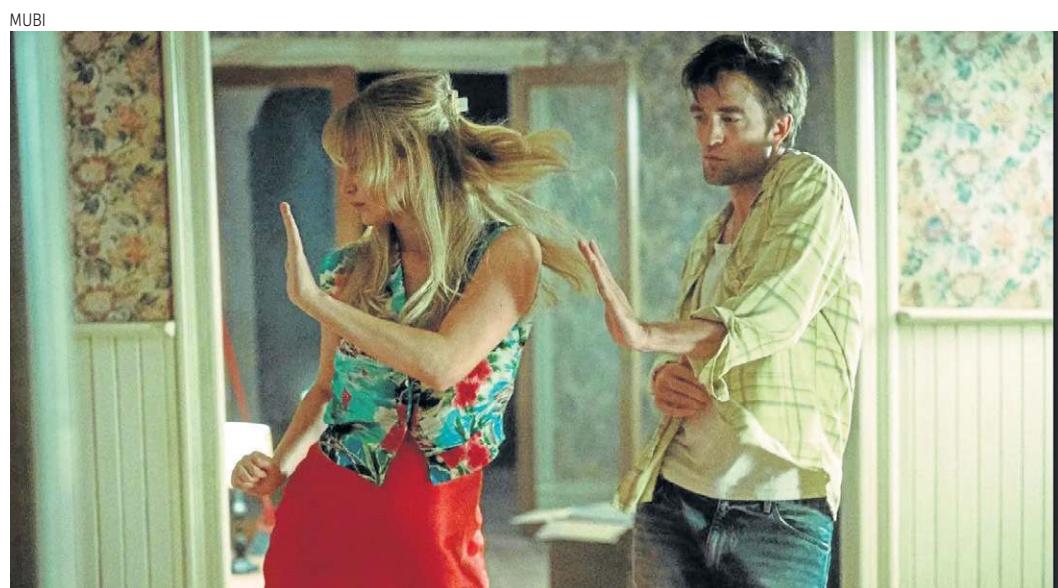
Gata em teto incandescente

Ricardo Daehn

Depois de Jessica Lange, Elizabeth Taylor e Gena Rowlands estabelecerem patamares únicos de esposas amalucadas ou desiludidas com o casamento, chegou a vez de Jennifer Lawrence fazer história com a personagem Grace, no mais novo longa de Lynne Ramsay (a mesma de *Precisamos falar sobre o Kevin*, um clássico moderno). Se incomodou muitos, no polêmico filme de Darren Aronofsky, *Mãe!* (2017), Jennifer Lawrence volta à carga, agora ao lado do personagem do marido (interpretado por um alheio e, por vezes, dedicado, Robert Pattinson).

Há um momento na trama

de *Morra, amor* que a sogra de Grace (feita pela esplendorosa Sissy Spacek) recomenda ioga, caminhada ou escrita para tornar “relaxante” o começo do dia da jovem mãe. Mas, metida numa cidade interiorana, ela está mais disposta a acenar para latentes pretendentes de adultério; se atirar, de roupa íntima, na piscina de uma festa infantil, e caprichar em poses sexys, mato adentro. Se o turbilhão de insanidade tem origem psicológica, a dado momento, isso é adendo na trama que trata de conexões, rejeição, inconstância e autossuficiência. “Você é a cola (da nossa relação)”, preconiza o marido descompensado com tantas culpas e fortes emoções.



Cena do filme *Morra, amor*: erotismo à flor da pele

Morra, amor é um veículo potente para a eterna estrela de *Jogos Vorazes*, que, novamente, está a passos de esperada indicação ao Oscar (que já levou por *O Outro Lado da Vida*). Consumida pelo amor e pelo descontrole, Grace abraça

uma jornada autodestrutiva que faz lembrar o radicalismo de *Até os ossos* (2022). Entediada, fogosa e sem o menor pudor, a personagem se coloca em postura animalesca e agressiva. Com um painel que retrata masturbação intermitente, e doses

surreais de impacto (de onde desponta o cavalo ferido e a floresta em chamas), para além da excelência dos atores, a diretora Lynne Ramsay, ancorada por livro de Ariana Harwicz, desfere golpe duro nos sentidos dos espectadores.

Crítica // A queda do céu ★★

Cena do filme
A queda do céu

Imagens tocantes

Tratando do “extermínio das coisas” e da defesa incontestável da terra, os diretores Eryk Rocha e Gabriela Carneiro

da Cunha (pesquisadora e ativista) vertem para o cinema os escritos da liderança indígena Davi Kopenawa e de Bruce Albert (um antropólogo).

Em cena estão aplaudidos os ímpetos de combate, mesmo quando entra em cena a figura do branco explorador que dissemina o medo da

málaria e afins. Entre conselhos dos mais idosos, a paciência parece ouro, junto aos Yanomami, há décadas, batalhadores nos descalabros protagonizados por garimpeiros e madeireiros.

Com imagens estonteantes e uma cadência aquietada, na montagem de Renato Vallone,

o filme traz o convite ao encontro com o valoroso ritual reahu e a presença assídua de xamãs. Com exitosa comunicação comunitária, os indígenas são precisos, ao trarem daqueles que trazem a “intenção de estragar e sujar as terras”. Uma lição de ponta, e eficiente. (RD)



Longa *Mãe fora da caixa*

Jornada renovadora

Uma experiência coletiva e inaugural une os personagens de Miá Mello e Danton Mello, na comédia *Mãe fora da caixa*. Baseado em texto de Thaís Vilalinho, que rendeu até montagem teatral, o filme traz Manuh Fontes na direção. É através da cumplicidade e do comprometimento rumo ao desconhecido que os personagens Manu e André acalentam a passagem pelo desafio de conceber e criar a primeira filha na vida de ambos.